

O CORPO VIVO DA LEITURA: SENTIDOS E EXPERIÊNCIAS DO PENSAR EM NIETZSCHE E PROUST

**Gilcilene Dias da Costa*

***Jessé Pinto Campos*

RESUMO: A problemática da leitura tem se expressado com intensa preocupação na comunidade escolar e acadêmica em geral, sem, contudo, que tal anseio pela “apropriação” de uma cultura letrada venha acompanhado de um pensar sobre sua dimensão formativa. No intuito de contribuir com uma abordagem problematizadora e fruidora da leitura enquanto uma experiência formativa tecida nos interstícios entre texto e leitor, eu e outro, silêncio e palavra rumo ao desconhecido do pensar e seus abismos, o presente texto visa estreitar as relações entre Leitura e Filosofia para confabular sentidos outros de leitura espreitando as experiências de infância de Marcel Proust em seu ensaio “Sobre a leitura”, articulada à perspectiva fisiológica da leitura em Friedrich Nietzsche. Desse modo, posiciona-se como abertura e convite a adentrar os labirintos da leitura e suas interfaces com o pensar, valorando a atividade da leitura desde a tenra infância como canal de acesso ao desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Sentidos. Experiências. Nietzsche. Proust.

DESTERRITORIALIZAR A LEITURA

O texto visa potencializar as relações entre Leitura e Filosofia por uma perspectiva filosófico-literária que dialoga com Nietzsche e Proust e suas experiências singulares de pensamento, para deflagrar um combate ao arquétipo do “leitor moderno” prefigurado na contemporaneidade pela voracidade e utilitarismo da atividade leitora. Como procedimento deste pensar, bordejando a perspectiva fisiológica da leitura do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) junto às memórias de infância do escritor francês Marcel Proust (1871-1922), e por meio de um gesto filosófico-literário em torno da leitura como abertura ao pensar, perspectiva sentidos outros à condição intersticial entre texto/leitor, espreitando experiências e sentidos capazes de desterritorializar a leitura de seu sentido usual, bem como o sujeito moderno de seu lugar de agente de uma “cultura” e de um “saber” predefinidos, de modo a arremessá-lo em direção ao desconhecido da leitura e seus abismos.

* Doutora em Educação pela UFRGS. Professora Adjunto IV da Universidade Federal do Pará (UFPA), Faculdade de Linguagem. Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (UFPA/PPGEDUC). Coordenadora do Grupo de Pesquisa *PHILIA* – Filosofia, Linguagem e Alteridade na Educação (UFPA). Pesquisadora nas áreas de Educação e Linguagem; Filosofia da Diferença, Literatura e Educação. E-mail: costagilcilene@gmail.com

** Mestrando em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (UFPA/PPGEDUC), linha de pesquisa Educação, Cultura e Linguagem. Professor Substituto da Faculdade de Língua Inglesa (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro do Grupo de Pesquisa *PHILIA* – Filosofia, Linguagem e Alteridade na Educação (UFPA). E-mail: jessecamppos@gmail.com

Tomando por base o ensaio literário de Marcel Proust (2001) “Sobre a leitura”, articulado à perspectiva fisiológica da leitura em Nietzsche (1995; 2003; 2011), o texto coloca em questionamento a visão utilitarista da leitura (predominante na sociedade e na educação atual), levantando algumas indagações: Que tipo de sujeitos nos tornamos por meio da apreensão dos códigos da leitura? Que significados sobre a leitura usualmente construímos em nosso meio? Em que sentido nos dizemos “leitores competentes”? Que desdobramentos a leitura provoca em nossa vida espiritual e educacional? Por quais procedimentos podemos restabelecer a relação entre leitura e experiência em seu viés formativo? Que memórias e experiências de leitura cultivamos no encontro com o outro/texto? Como construímos nossas sensações e experiências em contato com a leitura? Que sentidos e experiências de leitura as memórias de Proust nos proporcionam? No que consiste a perspectiva fisiológica da leitura segundo Nietzsche?

Levando em consideração tais indagações, abrimos veredas para espreitar sentidos outros de leitura no limiar de uma interseção filosófico-literária entre Nietzsche-Proust para, de modo afirmativo, perspectivar uma abordagem problematizadora e fruidora da leitura enquanto uma experiência singular, ao mesmo tempo filosófica e corpórea, capaz de deslocar o pensamento e as ações “rumo ao desconhecido”. Desse modo, ousamos falar da leitura como lentidão e ruminação do pensar, como uma experiência formativa singular tecida nos entremeios de situações e encontros com o outro e seus abismos, tão seus como nossos, de tal forma que as linhas aqui experimentadas se apresentem como convite ao leitor para entrever os enigmas da leitura e suas interfaces formativas, valorando a importância da atividade leitora desde a tenra infância como canal de acesso ao desconhecido.

Começemos por desterritorializar os sentidos usuais da leitura entendida como um modo de decifrar os códigos da linguagem, suas verdades e significados, tendo em vista o direcionamento que o processo de ensino propõe. Inicialmente, essa aquisição cognitiva sobre a compreensão leitora conduz o aprendiz ao limite da pronúncia das palavras preexistentes, ou seja, essa primeira aventura do ler como ato de decodificação da linguagem pouco passa pela fruição dos sentidos, mas enraíza significados que gradativamente cedem lugar a uma instrumentalização da leitura para se obter um “leitor competente” aos olhos da sociedade e da lógica funcional. Este leitor “que sabe ler em geral” produz sentidos predefinidos, decodifica a língua e seus significados usuais por alguma utilidade funcional.

Em nossas instituições de ensino pactua-se uma visão de leitura em seu *sentido usual*, limitando-a à condição de instrumento de acesso ao conhecimento, por meio dessa visão, o “leitor moderno” limita-se a buscar sínteses, esquemas pragmáticos, enredos

preexistentes, como um ganho imediato de tempo, desse modo, “o ‘leitor moderno’ já não têm tempo para esbanjar em atividades de leitura que demorem, cujos fins não se veem com clareza, e das quais não podem colher imediatamente os resultados” (LARROSA, 2002, p. 14). Assim, para “o ‘profissional da leitura’, ler é mera produção, orientado diríamos, ao próximo artigo, a próxima resenha, ao próximo livro... são esses leitores ‘produtores’ que leem apressados, que preferem se guiar por ideias prontas, do que ruminar suas próprias, e esquecem que a “leitura é algo ao qual cada um deve aplicar com lentidão” (LARROSA, 2002, p.14). E para a sociedade da informação, um “leitor competente” é aquele que se apropria das mais variadas modalidades de leitura de modo pontual, acelerado, com uma finalidade ou aplicabilidade imediata em vista; este é o “leitor nato”, o que compreende tudo muito bem e o que tem conceito pronto de tudo, é um “intelectual enciclopedista” (NIETZSCHE, 2002).

Em consonância ao diagnóstico previamente feito por Nietzsche (2003) em suas *Conferências* sobre educação e cultura que receberam o título de “Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino” (1872), prefigura de tempos passados aos atuais o arquétipo de um “leitor moderno” ou “competente”, como um leitor ensimesmado em sua “cultura” e em seu “saber”, que caminha para uma erudição funcional, “encerrado em um quadro de resultados”. Trata-se de um leitor “produtivo” que lê apressado, vislumbrando o próximo artigo, livro ou resenha, que toma a si e a sua cultura como privilégio e sabedoria, que não vislumbra a leitura além de uma ferramenta, emprestando-lhe um sentido usual em vez de um *sentido vivo* (LARROSA, 2004). Definitivamente, não é a este “leitor moderno” que Nietzsche escreve, pois, um “profissional da leitura” sempre lê sabendo, não cultiva a calma e a serenidade como condições necessárias para o gesto ruminativo da leitura.

No *Ecce Homo*, Nietzsche (1995), seguindo as pistas sinalizadas pelo mestre Schopenhauer, contesta a figura do erudito como um efeito perverso à busca de autenticidade do pensar no exercício da leitura:

O erudito não faz outra coisa senão revolver livros – o filólogo corrente, uns duzentos por dia –, acaba por perder íntegra e totalmente a capacidade de pensar por conta própria. Se não revolve livros, não pensa. Responde a um estímulo (um pensamento lido) quando pensa, – ao final a única coisa que faz reagir. O erudito dedica toda a sua força a dizer sim ou não, à crítica de coisas já pensadas – ele mesmo já não pensa... O instinto de autodefesa abrandou-se nele; em caso contrário, defender-se-ia contra os livros. (NIETZSCHE, 1995, p. 50).

Pautados nestes referenciais e procedimentos instrumentais da leitura, instituições de ensino e indivíduos dos mais variados segmentos sociais migram, cada vez mais, na contemporaneidade, rumo à voracidade e ao utilitarismo da leitura, sem se aterem aos limites

deste anseio, desprezando a dimensão formativa da leitura. Assim, de modo geral, ler é algo que fazemos com tanta naturalidade que esquecemos a complexidade que deveria ser empregada ao exercício do pensar no encontro com o outro, seja para fortalecer o que há de genuíno em nós seja para renovar o espírito em seu ímpeto de arrogância. Larrosa (2004, p.18) adverte a respeito do sentido usual atribuído à atividade da leitura:

Cada dia lemos, às vezes falamos de nossas leituras e das leituras dos outros, todos nós sabemos ler e, às vezes, ensinamos a outros a ler, habitualmente usamos com plena normalidade e competência a palavra ler... mas talvez ainda não sabemos o que é ler e como tem lugar a leitura.

Distanciando-nos desse arquétipo do “leitor moderno”, caminhamos ao encontro de um *leitor ruminativo*, calmo e paciente, capaz de pensar enquanto lê, que se prontifica a discutir seus posicionamentos em relação ao texto e a travar combate com seu saber e sua cultura, que experimenta o risco de viver no abismo do desconhecido bordejando o encontro com o *outro*. Nietzsche é enfático quanto às qualidades daquele que julga ser o seu leitor: “O leitor de quem espero algo deve ter três qualidades: ele deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si e à sua “cultura”, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados”¹.

O filósofo da inquietude almeja a dignidade da leitura como uma *meditatio generis futuri* (uma “reflexão geradora do futuro”), em que se possa olvidar o que se leu, o seu não-saber, e seguir pensando, ruminando o pensamento, mesmo após ter fechado o livro; leitores capazes de, “com sua ação, destruí-lo e esquecê-lo!”², legisladores do novo, criadores e destruidores de novas e velhas tábuas: “Àquele que quebra suas tábuas de valores, ao quebrador, infrator: – mas esse é o que cria” (NIETZSCHE, 2011, p. 22).

E como busca por desterritorializar a leitura de seu sentido usual e cognitivo, seguiremos as sendas nietzschianas da leitura como abertura a um *pensar ruminativo*, uma atividade fisiológica capaz de tocar o leitor que pensa e sente enquanto lê (NIETZSCHE, 2003); leitura como um *corpo vivo* do desassossego capaz de trazer à tona a obscuridade da palavra perante às incertezas do ser.

O CORPO VIVO DA LEITURA: RESSONÂNCIAS NIETZSCHIANAS

A partir deste ponto espreitaremos a leitura pelo viés da obscuridade, do vazio, da dissipação, do transbordamento de sentidos, e por outras ideias levantadas anteriormente,

¹ NIETZSCHE, 2003, p. 46

² NIETZSCHE, 2003, loc.cit.

consoante com os demais posicionamentos. Para tanto, adentraremos em uma perspectiva fisiológica do “ler com o corpo todo”, espreitando os acenos de Nietzsche de uma “arte da leitura” como inocência, sensibilidade, coragem e maldade que há em nós. Falaremos do *corpo vivo* da leitura, guiados pelos instintos primários do ser leitor presente na leitura, interpelado pelo sabor do apetite e da fome, impulsionado pelo desejo natural (o ver, o cheirar, o ouvir, o tocar, o degustar), sentidos esses que o leitor moderno desaprendeu a usar por falta de tempo, ou por desprezo pela boa leitura.

A leitura bordeja a “devoração”, um apetite que “exige (do leitor) um estômago capaz de evacuar o que não convém [...]”³ com rapidez e alegria, além disso, exige “um estômago poderoso e valente que atreva, sem revolver-se, com alimentações ousadas e pouco comuns; [...]”⁴, e também pede do leitor “um estômago que tenha uma digestão ligeira naquilo que lhe convém: que converta facilmente o ingerido como parte da própria substância, da própria força, e que seja capaz de eliminar o resto com prontidão”⁵. No jogo contínuo de apropriação seletiva e recusa, fizemos da evacuação rápida o caminho para não sossegar, um caminho para que a fome do saber nunca se esgote e nunca se limite. O leitor moderno que se tornou “compulsivo”, que nada seleciona com seu estômago facilmente saciável, está preso ao gosto da inércia e do conformismo, saciado pelo que leu e pelo sentido que alcançou com a ingestão.

A arte da leitura, ao contrário, conflui com o sentido do gosto e com a saúde da digestão. “Ler bem é comer bem” (LARROSA, 2002). Ler bem é apurar os sentidos e deslocá-los, é opor-se às ideias doutrinárias, é pertencer à fome e não bastar-se ao conforto do tudo comer, tudo saber nesse vasto universo do conhecimento, pois, o importante é não desperdiçar a força viva de ter fome com o comer imediato e sem apetite, o importante é não sossegar, achar que encontrou tudo que o texto mostra, é sentir-se inquieto na busca do sentido e do sem-sentido, guiado pela força insaciável do desejo e dos apetites latentes que anseiam o outro como abismo e sedução.

O *leitor ruminativo* de Nietzsche é um leitor capaz de se afetar pelos signos do texto, identificar seus atributos artísticos, sua carga fisiológica (nervos e entranhas), é um leitor sensível aos signos do mundo; é o que espreita os pensamentos, o dia e a noite, que celebra e canta as vitórias sobre si mesmo após ter pacientemente ingerido e ruminados os pensamentos e ter sentido vagorosamente todo o sumo e o sabor das sensações do que leu, com lentidão e

³ LARROSA, 2002, p.22

⁴ LARROSA, 2002, loc.cit.

⁵ LARROSA, 2002, loc.cit.

paciência: “Ruminando me pergunto, paciente como uma vaca: quais foram, afinal, tuas dez superações?” (NIETZSCHE, 2011, p. 30). Ler com lentidão exige do leitor o ato de pensar enquanto lê sem destino, sem ideias prontas, sem anexar sentido de outras leituras; ler que esbarra em um diálogo silencioso entre leitor e livro, autor e leitor, *eu* e *outro*; uma conversação por onde os sentidos se dispersam rumo ao incompreensível, por onde olhares múltiplos irão retorcer e vozes que nunca ecoaram nascerão, mas é pelo sentir, pelo silêncio e pela incerteza que ruminar é preciso.

A figura do leitor que Nietzsche aspira, envolvido por uma “arte da ruminação”, se reconhece não como aquele que lê com as partes “altas” das faculdades privilegiadas dos sentidos, os olhos e a mente, mas como aquele que lê com o corpo inteiro, alma e entranhas; é reconhecido pelo estado de sua jovialidade resultante de um “tempo do metabolismo” saudável por ter uma “barriga jovial” (NIETZSCHE, 1995), sendo capaz de entrar e sair do texto sem ausências ou ressentimentos. Nessa arte da ruminação, “a mobilidade ou a lentidão dos pés do espírito” (NIETZSCHE, 1995) são os termômetros de uma “inércia intestinal” ou de uma “barriga jovial”, condição para seguir o seu próprio *pathos*, o seu próprio caminho. Zaratustra adverte: “Afastai-vos de mim e defendei-vos de Zaratustra! E, melhor ainda: Envergonhai-vos dele! [...] Agora vos mando me perderdes e vos encontrardes; e somente quando me tiverdes todos renegado, eu retornarei a vós...” (NIETZSCHE, 2011, p. 105).

Talvez seja este ler com paciência e atenção que urge em meio ao tempo que se instaura, devemos então, “topar” pela forma que o ler apresenta-se, para que possamos ensinar o “ler” do por vir, o ler orientado ao ensinar o sentido do gosto, para que se possa “formar um critério de eleição suficientemente delicado para aceitar o que é bom e refutar o resto” (LARROSA, 2002, p.34), para que se possa dedilhar a leitura com toques suaves ou dissecá-la, inclusive utilizando “ajuda de martelos e bisturis” (LARROSA, 2002, p.31).

Larrosa (2002) nos auxilia a enxergar algumas importantes características presentes na perspectiva fisiológica da leitura em Nietzsche, que precisam ser cultivadas nos espaços do educar e do aprender: aprender a ver as coisas, aprender a cheirar as palavras, aprender a ouvir os timbres, aprender a tocar os livros, aprender a comer com apetite. Para cada uma destas aprendizagens necessitamos espreitar os abismos dos sentidos para: contemplar com a devida calma os signos do mundo, captar e sentir seus aromas e odores, saber ouvir o timbre de cada espírito, ter a delicadeza ou os punhos firmes para tocar nos livros ou nas coisas, ter um gosto apurado e a saúde da digestão para escolher livros que lhe agrada e esquecer o resto.

E quanto maior for o número dos afetados que nos falem aos olhos, olfatos, ouvidos, tato, boca...tanto mais podemos expressar nossas impressões sobre dada coisa, tendo

a possibilidade de decidir, “querer” ou “não querer”, em refutar o determinismo da decisão do outro ou de si próprio, perseverando nos sentidos múltiplos e multifacetados da arte da leitura como abertura ao desconhecido. Daí a colocação enfática de Nietzsche sobre o valor dos signos que inquietam o pensar: “Nossas primeiras perguntas, quanto ao valor de um livro, uma pessoa, uma composição musical, são: “É capaz de andar? Mais ainda, é capaz de dançar?” (NIETZSCHE, 2001, aforismo 366, p. 267).

Pela leitura, o corpo sente e reage aos instintos e aos signos do mundo, não se pode negar a impregnação do humano às suas necessidades fisiológicas, corpo e espírito, e a essas necessidades se associam o instinto de autodefesa, um desejo seletivo, com gosto apurado, pois, uma debilidade das nossas defesas nos “obriga a esbanjar o tempo e a energia em finalidades negativas e reativas [...]” (LARROSA, 2002, p.34). Ler como autodefesa obriga-nos a metamorfosearmos-nos em ouriços, pois a autodefesa nasce da seleção intrínseca do gosto que reage na leitura com o seu “corpo vivo”, dando a ler pela liberdade ao desconhecido, um leitor que não fica no limite da interpretação, nem da sua própria ideia construída, um leitor que não vai até a leitura para simples apropriação, que vai ao texto com as mãos e os sentidos abertos, que sente fome, desejo, afeição, náusea, dor, contentamento, que mantém seu esquecimento natural em dia, um leitor que não crê em máximas, que não carrega consigo as verdades absolutas de tudo, talvez, a nudez, o desapego da “devoração” de quem vive na tentativa da renovação dos sentidos.

Eis a fórmula de Nietzsche contra os assombros do ideal ascético e suas doenças do ressentimento: “Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para a frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas *amá-lo...*” (NIETZSCHE, 1995, p. 51). É preciso corpo e espírito, calma e coragem, *amor fati* para apostar na singularidade formativa da leitura por vir.

REDESCOBRINDO O “TEMPO PERDIDO” DA LEITURA: MEMÓRIAS PROUSTIANAS

“Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido” (PROUST, 2011, p. 9), dias que o silêncio gravou em nossa face resquícios do passado, transportando-nos à memória, assim, divagaremos entre presente e passado, entre um “tempo perdido” e um “tempo redescoberto” ao encontro do sentido.

Desta ideia de leitura como “tempo perdido”, há quem prefira caminhar por entre campos verdes, desenvolver atividades práticas com fins específicos, ou correr por entre o mundo físico sem rumo, a vontade de preencher seu tempo move-os. Todavia, há um “tempo redescoberto” para os amantes da leitura, o convite emana dos livros, como a aventura a ser vivida, pertencida em outros lugares, em outras viagens. O corpo envolve-se com a leitura em um ler mergulhado que o leitor ama habitar, esses momentos de leitura geram no leitor sensações, experiências e memórias. Trataremos aqui das memórias proustianas nascidas na infância como construção de uma leitura por vir.

Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezásemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul. (PROUST, 2011, p.9).

Qualquer presença que nos force a submergir da leitura incomoda, interrompe o ato de amor profundo com o livro, ainda se, nesses dias a visão do outro nos julgue procrastinar: diriam que somos vazios das “grandes atividades” desenvolvidas por eles, como que o sentido de “tempo aproveitado” estivesse no mundo real, deste modo, somos e seremos transgressores dessa razão coletiva, que com o amor aos livros, amamos, em liberdade e desejo no observar íntimo. Frutos das leituras da infância que o discurso proustiano elenca e valora, “Quem, como eu, não se lembra dessas leituras feitas nas férias, que íamos escondendo sucessivamente em todas aquelas horas do dia que eram suficientemente tranquilas e invioláveis para abrigá-las” (PROUST, 2011, p. 10) em seu deleite supremo; repousar ao encontro da curiosidade típica da infância e da disposição do interesse, uma sensação complacente com prazer algoz, que não se notava o transcorrer das horas, e nem tínhamos horas, mas tínhamos apenas vontade:

De manhã, voltando do parque, quando todos “tinham ido fazer um passeio”, eu me metia na sala de jantar, onde, até a ainda distante hora do almoço, ninguém, senão a velha Félicie, relativamente silenciosa, entraria, e onde não teria como companheiros de leitura mais do que os pratos coloridos pendendo nas paredes, o calendário cuja folha da véspera havia sido há pouco arrancada, o pêndulo e o fogo que falam sem pudor que se lhes responda, e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem – com as palavras dos homens – o sentido das palavras que se leem. (PROUST, 2011, p.10).

Das memórias inscritas no imaginário proustiano podemos reconduzir nossa própria experiência de leitura, dando a pensar as nuances minuciosamente descritas. Este cenário que aqui nasce pelo convite da leitura se eterniza na fala do autor; o convite a regressar

à infância nos faz ressonar sensações presentes no *sentido vivo* da leitura, por entre as interjeições que interpelam o movimento de leitura, tornando as memórias presentes, sentidos sensoriais que constroem conceitos. Os detalhes gravados habitam nesse “pertencer” um momento regresso, estamos aqui então lendo, eis aqui nosso lugar, nosso conforto, o que ecoa por entre ação de leitura são as vozes que flutuam do livro ao encontro da realidade, os sentidos também flutuam aqui por uma *alteridade constitutiva da linguagem*, o que, com o outro e pelo outro a conversa segue em silêncio eternizando a memória entre sensações e experiências emanadas na relação com o livro.

De tempos em tempos, ouvia-se o barulho da bomba que fazia a água correr e também levantar olhos e olhá-la através dos vidros fechados da janela, ali, bem perto, na única aleia do jardimzinho que margeava com tijolos e faianças em meias-luas suas platibandas de amores-perfeitos: amores-perfeitos colhidos, parece, nesses céus tão bonitos, esses céus versicolores e como que refletidos dos vitrais da igreja que se viam às vezes entre os tetos da vila, céus tristes que apareciam antes tempestades, ou depois, já bastante tarde, quando o dia estava prestes a terminar. (PROUST, 2011, p.11).

As experiências e sentidos de leitura em Proust continuam sendo exaladas, e são concomitantes, as horas que o contato com a leitura perdura, a cisão do elo invisível da leitura se interrompe pela imposição das convenções sociais, esse incômodo nos força a voltar à realidade, e nos nega a leitura no cerne mergulhado, em períodos interruptos o leitor se volta à realidade e guarda o olhar distraído, olhar dadivoso, transmutado, observa tudo como um expectador distante desse mundo real, pois seu estado de embriaguez o faz ver o sentido fluido entre a plenitude e o vazio, seu admirar sensitivo perpetua nesse lugar que não se pode carregar, nessas memórias que nascem distraídas, que vão aos encontros da eternidade do ser leitor; sentidos e sensações vagam através do leitor que valora o admirar e imerge no mundo sensitivo, dando ao sentido um lugar que não se pode perpetuar, uma imagem de renovação, uma imagem nunca vista.

As memórias que construímos ao longo da leitura pertencem a essa experiência que nos vem de longe, que nos afasta do vivido, que nos leva à proximidade do íntimo da leitura, destas horas em que o tempo é um mero espectador, que as convenções sociais são incômodas. A paixão entre Proust e a leitura continua ressonando nas suas memórias enquanto leitor. O tempo passava em uma relatividade surpreendente, simplesmente não parecia acompanhar a sua vontade de ler, “não fazia muito tempo que lia no quarto e já era preciso ir ao parque” (PROUST, 2011, p. 25) para cumprir suas atividades obrigatórias, o livro acompanhava com certa proibição, entretanto, havia jeitos de abreviar a atividade e se direcionar a leitura.

Eu deixava os outros terminarem de lanchar na parte baixa do parque, à margem dos cisnes, e subia correndo no labirinto até uma alameda onde eu sentava, impossível de ser encontrado, recostado nos nogueirais podados, olhando os aspargos, a cercadura dos pés de morango, o lago, onde certos dias, os cavalos faziam a água subir de nível andando à sua volta, a porteira branca que estava acima, no “fim do parque” e, além, os campos de centráureas-azuis e de papoulas. (PROUST, 2011, p. 23).

Em profundo silêncio, e seguro das possíveis interrupções, continuava a leitura, em seu estado de fuga, em seu estado de paz, as horas que transcorriam pareciam impiedosas, seu corpo guardava os cenários e as sensações. Tenro é lembrar as horas de leitura em que a única companhia era os livros e o silêncio. Em silêncio e embriagado, Proust lia, o tempo sempre o trairia, distante de tudo, e todos, só tinha horas quando os sinos da igreja anunciavam o entardecer, o som doce e morno soava ao longe, regressar-se-ia para a casa onde cumpriria seus rituais sociais. Logo após o jantar, Proust recolhia-se para o seu quarto (incontáveis cenários abrigam o quarto de Proust) onde continuaria a abrigar sua leitura, proibido era de continuar seu deleite madrugadas adentro, apenas desobedecia quando se encontrava nas páginas finais de um livro, a curiosidade e a vontade de saber o que sucederia com os personagens que relacionava com tanta paixão, o motivava a seguir até o fim, e o tão esperando anúncio acontecia “chegamos ao final da leitura!”, depois de todas as horas, de todas as expectativas, de toda a paixão, de toda submersão.

“A última página era lida, o livro tinha acabado, era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz que seguia sem ruídos, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo” (PROUST, 2011, p. 25), era preciso se recompor, era preciso “dar aos tumultos há muito desencadeados em mim, outros movimentos para se aclamarem” (PROUST, 2011, p. 25), assim, caminhava aflito por entre seu quarto, em um estado de transtorno eminente, seu corpo reagia, e seus “olhos ainda fixos em algum ponto que, em vão, se buscava em meu quarto ou fora dele, porque ele não estava situado senão numa distância de alma, dessas distâncias que não se medem por metros e por léguas como elas quando se olham os olhos “distantes” dos que pensam “em outra coisa” E aí? Esse livro não era senão isso?” (PROUST, 2011, p. 25)

O corpo reage às sensações, que entorpecem os sentidos, como algo em que empenhamos tanta força e paixão nos deixa aqui sem respostas! Este ato final de desligamento acompanha o fim do livro, a partir desse momento não saberemos o que se sucederá na vida dos personagens que relacionamos intimamente, estas “pessoas” a quem se empenha mais atenção do que pessoas da vida “real”, “nem sempre ousando dizer o quanto a gente os amava” (PROUST, 2011, p. 25), o quanto essas pessoas significavam em nossa vida, “essas pessoas por quem se tinha suspirado e soluçado, não as veríamos jamais, jamais saberíamos alguma coisa

delas” (PROUST, 2011, p. 25). O fim do livro como libertação para criarmos nossas próprias histórias, inventar as significações e torná-las memória, neste emaranhado de sensações, a leitura evoca um por vir.

Tal elogio à leitura não se encerra apenas nas memórias da infância de Proust, pelo contrário, se eterniza por meio delas na formação constitutiva do primeiro leitor, este que lê mergulhado, este que nasce na infância, como o pensamento proustiano nos conduziu, exaltamo-nos por meio das memórias que “as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dois dias que fazemos” (PROUST, 2011, p. 27), deixam em nós um desejo de seguir ao desconhecido, com valoroso desafio. Desta forma, nos faz pensar que precisamos instigar o gosto da leitura desde a tenra idade, para afirmar sua importância na formação do *ser/leitor*, negando, assim, a repetição do modelo pragmático de ensino, onde a leitura é mera ferramenta de cognição.

Nesse desbravar da experiência do pensar pela leitura em Proust, o escritor nos revela: “sem dúvida não fiz mais do que provar pelo tamanho e pelo caráter do desenvolvimento o que já tinha dito antes” (PROUST, 2011, p. 27), que as leituras da infância desempenham em nós um papel transformador e sinestésico, onde não esquecemos as horas nem o lugar onde as fizemos. “Mas talvez as lembranças que elas me trouxeram tenham elas mesmas sido despertadas nos leitores, conduzindo-os pouco a pouco [...] a recriar em seu espírito o ato psicológico original chamado Leitura” (PROUST, 2011, p. 27). Deste modo, com força suficiente, ela transforma o contato íntimo do leitor com pensamentos que nascem a partir do que se encerra no ato de ler.

As leituras de infância de Proust carregam um caráter decisório na construção formativa do gosto do leitor, onde o contato com o livro cria uma curiosidade latente, cria desejos que tornam a leitura um instinto natural, onde nosso instinto de defesa habita, precisamos não aceitar as verdades absolutas, pois a vontade de renovação seguirá no íntimo desse *ser/leitor*, com intuito de criar nas crianças/leitores vontades e desejos através da leitura, dando a vida espiritual um prazer que não se mede, apenas se encanta, para que se consiga formar um gosto pelas grandes obras, criar um gosto que faça o leitor pensar enquanto lê, um gosto com gesto antropofágico seletivo, apreciativo, que leve o leitor a discernir o que acolheu, mas, para que esse gosto exista é preciso ler em atitude contemplativa e em um silêncio observador, para vislumbrar as belezas e mazelas do mundo com um olhar distraído e transformador, mas acima de tudo, um pensar ruminativo:

E nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e

limitado que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclusões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos. (PROUST, 2011, p.33).

O desejo propicia a curiosidade e evidencia sensações, então sejamos interpelados pelas inquietações em nosso gesto de leitura, em seu desejo de plenitude do espírito e incompletude do gosto, pois este leitor proustiano (diferente do leitor moderno) detém suas forças em algo que “não faz sentido”, ou que não se encaixe na sua arrogância, qualquer dessas opções são simplesmente renegadas, orientado por um *querer* eleva-se a busca do desconhecido, do desassossego do pensar, incitado a permanecer pensando e confabulando mesmo quando o livro encerra, pois almeja uma *reescritura do por vir*. Pelas memórias de Proust, a leitura recomeça e as inquietações excitam o íntimo do leitor, desta forma, é nesse momento que se faz necessário “topar” a leitura com uma qualidade de filólogo, diria Nietzsche, percorrer as entrelinhas dos ditos ou sentidos submersos para dimensionar o que não se desenha em plenitude, pois é através destes desejos que

[...] ele (o autor) não pode despertar em nós senão fazendo-nos contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar. Mas por uma lei singular e, aliás, providencial da ótica dos espíritos (lei que talvez signifique que não podemos receber a verdade de ninguém e que devemos criá-la nós mesmos), o que é o fim de sua sabedoria não nos aparece senão como começo da nossa, de sorte que é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer que fazem nascer em nós o sentimento de que ainda nada nos disseram [...]. (PROUST, 2011, p. 34).

Inventar não deixa de ser uma razão aos sentidos que flutuam dispersos, os sentidos fazem-se submersos, mas em sua certeza mostram-se presentes em um espaço que só se constitui no limiar da leitura. Às vezes, precisaremos ir além do sentido, ou se não nos for dado um sentido, teremos que criá-lo, para que o mundo não se constitua de verdades irreduzíveis, e sim, ver o mundo pela ótica da renovação, com intuito de que essas verdades não sejam um acervo de respostas prontas, negando a possibilidade de caminhar rumo ao desconhecido.

Nos entretempos das memórias proustianas, entrevemos o valor nobre que as leituras de um “tempo redescoberto” desempenham no pensamento e na formação do leitor em sua sede pelo *por vir*, guiando-nos por uma curiosidade natural da infância, a fim de que não percamos nem o desejo nem a inocência da entrega ao jogo da leitura: um dar a ler as páginas para além do término do livro, pois, desta forma, o término não marcará o fim da busca de sentidos ou da multiplicação destes, pelo contrário, gerará no leitor impulsos a desbravar o

desconhecido. O sentido não precisa ser rapidamente formado e consumido, pois a maior certeza é pertencer à incerteza, abraçando o silêncio com um jeito distraído, o silêncio como estado de alma verdadeiro, desta infância que se desenha no esquecimento.

LINHAS FINAIS...

A partir da perspectiva do *corpo vivo* da leitura em Nietzsche e das experiências do pensar de leitura emanadas das memórias de infância de Proust, podemos dimensionar a magnitude do tema da leitura em seu caráter formativo, especialmente quando orientado à formação do primeiro leitor, este que *nasce* na infância. Por entre essas perspectivas, desbravamos sentidos outros da leitura, longe das concepções usuais presentes na sociedade e na educação, uma leitura como *reescritura* do novo.

Aqui se buscou pensar caminhos de *uma leitura por vir*, pelas dimensões filosófica e corpórea da leitura, desta forma, ensejamos que o ensino gere renovações de sentidos, onde nosso espírito leitor venha a ser preenchido pela experiência do vazio, destarte, esta alma deve habitar uma experiência salutar de redescoberta do “tempo perdido” da leitura, em que as sensações excitam o desejo e a fruição “rumo ao desconhecido”, mas, antes, é preciso nos perder para nos encontrarmos, perder nossa consciência, realidade, arrogância, cultura, história, sabedoria, referenciais, ideais, enfim, nossas certezas, para que a experiência formativa de leitura seja plena e leve, despida do já sabido para mergulharmos no por vir do desconhecido, sem medo da pouca luz no caminho.

Nosso exercício do pensar, com este trabalho, não pretendeu instaurar verdades ou juízos morais em torno do tema da leitura, tampouco dizer que este é “o caminho” (afinal, nos diz Nietzsche, “Ai daqueles que se perguntam pelo caminho!”), não, não queremos ser profetas, pois quem crê se prende novamente, nosso maior desafio e perigo é subverter o pragmatismo em busca de uma experiência transformadora no encontro com a leitura, instigando a leitura desde a tenra idade, pela formação constitutiva do primeiro leitor, pois, pensar a leitura no primeiro leitor, implica também pensar na educação e no mundo por vir, como bem o fizeram Nietzsche e Proust.

Pensar no por vir da leitura implica direcionarmos nossos esforços, dentro e fora das instituições de ensino, para tensionar a formação do “leitor moderno” que clama por um utilitarismo da leitura. Na companhia de Nietzsche e Proust vislumbramos uma leitura em sentido filosófico-literário, ou seja, conectada ao exercício do pensar; não uma leitura restrita à decodificação de livros ou contextos, mas sim, aberta aos sentidos e sem-sentidos que inquietam o pensar. Vislumbramos *uma leitura por vir* que não perca de vista a curiosidade e o

esquecimento naturais ao nosso espírito criança. Façamos ressonar pelas memórias um discurso de liberação do prazer, onde a leitura seja um convite ao desconhecido, um convite à incerteza, um convite, acima de tudo, à amizade, ao pensar, ao criar.

**THE *LIVE* BODY OF READING:
MEANINGS AND EXPERIENCES OF THINKING IN NIETZSCHE AND PROUST**

ABSTRACT: The problematic of Reading has been expressed with intense preoccupation in the school and academic community in general, however, without letting this desire for appropriation” of a culture come followed by a reflection about its formative purpose. With the aim of contributing with a problematizing and pleasurable approach for Reading as a formative experience, which is woven in the interstices between the text and reader, the “me” and the “Other”, silence and words towards the unknown and its abysses, the present text intends to strengthen the relationship between Reading and Philosophy to confabulate different views for Reading, looking from formative experiences of Marcel Proust’s childhood in the essay “Sobre a Leitura”, articulating with the physiological reading prospective in Friedrich Nietzsche. Tehreby, we will approach as an invitation to get into the labyrinths of Reading and its interfaces with the thought, valuing the act of reading since early childhood as an access channel to the unknown.

KEYWORDS: Reading. Meanings. Experience. Nietzsche. Proust.

**EL CUERPO *VIVO* DE LA LECTURA:
SENTIDOS Y EXPERIENCIAS DEL PENSAR EN NIETZSCHE Y PROUST**

RESUMEN: La problemática de la lectura ha expresado con intensa preocupación en la comunidad escolar y académica en general, sin que, sin embargo, que tal deseo por la “apropiación” de una cultura letrada venga acompañado de un pensar sobre su dimensión formativa. Con el fin de contribuir con un abordaje problemático y fruidor de la lectura en cuanto una experiencia formativa tejida en los intersticios entre el texto y lector, yo y otro, silencio y palabra en dirección al desconocido del pensar y sus abismos, el presente texto visa acercar las relaciones entre Lectura y Filosofía para crear otros sentidos de Lectura mirando las experiencias de la infancia de Marcel Proust en su ensayo “Sobre la Lectura”, vinculado a la perspectiva fisiológica de la lectura en Friedrich Nietzsche. De este modo, posicionarse como apertura e invitación a adentrar los labirintos de la lectura e sus interfaces con el pensar, valorando la actividad de la lectura desde la tierna infancia como un canal de acceso al desconocido.

PALABRAS CLAVE: Lectura. Sentidos. Experiencias. Nietzsche. Proust.

REFERÊNCIAS

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, J. *Nietzsche e a educação*. Tradução Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LARROSA, J.. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PROUST, M. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. 2. ed. Campinas, Pontes, 1991.

Recebido em abril de 2016.

Aprovado em agosto de 2016.